

JOSÉ ALBANO

Herman Lima

Esse, o José Albano que eu conheci em 1918, um ano antes de seguir pela última vez para a Europa, a bordo do Avaré, numa viagem que dá motivo ao livro de Theo-Filho — Uma Viagem Movimentada, de que o poeta é justamente a personagem principal, mercê das suas excepcionais idiossincrasias.

Por aquele tempo, a guerra andava acabando com o Velho Mundo, e não sei se cansados de discutir pró e contra Aliados e Alemanha, alguns rapazes de Fortaleza, estudantes e funcionários públicos, de cujo grupo saíram alguns dos grandes nomes das letras cearenses da minha geração, deram para reunir-se, todas as tardes, numa mesa do Café Riche, à esquina da praça do Ferreira, para conversar sobre coisas de literatura.

O Café Riche, era nosso feudo, e muita vocação literária despertou, na verdade em torno daquelas mesinhas com pés de ferro, quer no interior, quer na calçada, onde davam um ar de “terrasse” parisiense ao trecho movimentado. Não custava nada o cavaco nem sequer um cafezinho, pois os “garçons” chefiados pelo Chico, nos consideravam como que assinantes perpétuos daquela “galeria” donde víamos voltarem do trabalho nos escritórios e nos bancos, homens de dinheiro e os caixeirinhos humildes, uns e outros olhados por nós do alto da nossa superioridade longe deles, como andávamos, na asa da poesia e do sonho

Ao grupo aderiam, em pouco os “gros bonnets” das letras cearenses: Antônio Sales, então chegado do Rio, José Albano, Quintino Cunha, famoso boêmio local, da mesma estirpe de Paula Nei, Cruz Filho, com o verso simbolista-parnasiano alguns

rapazes do Rio, professores do recém-criado Colégio Militar, como Sílvio Júlio e Domingos Olímpio Filho.

Nessas reuniões, o poeta da Comédia Angélica se mostrava em toda a surpreendente revelação da sua verdadeira personalidade dupla, ora duma lucidez admirável, quando dizia os versos e discorria sobre literatura francesa, inglesa, espanhola, alemã, íntimo de todos os seus clássicos universais como dos latinos e portugueses, ora disparatando da maneira mais imprevista, nos mais loucos desvarios.

Foi assim, por exemplo, que o ouvi falar dum companheiro de colégio em Oxford:

— Era um indivíduo tão covarde e tão somítico como nunca vi. Todos os dias, no recreio, eu tinha que acudir a ele, atacado, sem defesa, pelos outros rapazes. Eu dava um pontapé num, um soco noutro, derrubava no chão com um tranco, um terceiro, sacava o punhal para um quarto, e ele só apanhando, inerte. Um dia para experimentá-lo dei-lhe um “soberano”. Os outros alunos descobriram, e na hora da surra habitual, quiseram tirar-lhe a libra de ouro. Pois bem, nesse dia, sozinho, ele deu no colégio em peso.

Detestando o Ceará e os parentes, ninguém lhe fugia aos reparos, muita vez duma agressividade ináudita, como aquele que Manuel Bandeira lembra, no seu prefácio ao volume das Rimas, “retrucando uma vez sem cerimônia a João Ribeiro — a João Ribeiro! — seu amigo e grande admirador: “Não diga asneiras, João Ribeiro! Não diga asneiras!” — o que deixou estarecido o descobridor da Pasárgada.

Sua grande, invariável, exclusiva paixão, era a língua portuguesa como acentua o mesmo poeta de Libertinagem. Indignava-se contra os que via encobrindo-a de “ornamentos estranhos”. Queria-a.

naquela singeleza primitiva
naquela verdadeira formosura
que farei que no verso me reviva.

Fê-la de fato reviver, com todas as graças e castidade quinhentistas, e um tal acento de ingenuidade que, ao lê-lo,

não temos a menor sensação de pastiche, e como se estivéssemos diante de um autêntico homem do grande século português. “Era um antigo”, disse dele Graça Aranha, e “desprezava a vida moderna. A sua arte inspirava-se nas raízes do espírito oriental mediterrâneo”.